

**Então  
você quer  
conversar  
sobre  
raça**

**Ijeoma Oluo**

*Tradução*

Nina Rizzi

1ª edição

**BS**  
**BestSeller**  
Rio de Janeiro | 2020

sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos pela

Editora Best Seller Ltda.

Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão

Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

que se reserva a propriedade literária desta tradução

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5712-107-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

# Sumário

Prefácio

<b>Introdução</b>	Então você quer conversar sobre raça
<b>Um</b>	Realmente tem a ver com raça?
<b>Dois</b>	O que é racismo?
<b>Três</b>	E se eu falar algo errado sobre raça?
<b>Quatro</b>	Por que sempre me dizem para “verificar meu privilégio”?
<b>Cinco</b>	O que é interseccionalidade e por que eu preciso dela?
<b>Seis</b>	A violência policial realmente tem a ver com raça?
<b>Sete</b>	Como posso falar sobre ação afirmativa?
<b>Oito</b>	O que é a ponte escola-prisão?
<b>Nove</b>	Por que não posso dizer a palavra com “N”?
<b>Dez</b>	O que é apropriação cultural?
<b>Onze</b>	Por que não posso tocar no seu cabelo?
<b>Doze</b>	O que são microagressões?
<b>Treze</b>	Por que nossos estudantes estão tão bravos?
<b>Quatorze</b>	O que é o mito da minoria modelo?
<b>Quinze</b>	Mas e se eu odiar Al Sharpton?
<b>Dezesseis</b>	Acabei de ser chamado de racista. O que eu faço agora?
<b>Dezessete</b>	Conversar é ótimo, mas o que mais posso fazer?

Agradecimentos

Notas

Guia de discussão

## Prefácio

Quando este livro foi lançado, há um ano, quase imediatamente as pessoas começaram a me perguntar “Como está o livro? Está indo bem?”. Eu sabia o que queriam perguntar — se o livro estava vendendo muitos exemplares, se estava nas listas de best-sellers, se os eventos de lançamento estavam cheios. Mas quando me perguntavam como estava o livro, minha resposta quase sempre era: “Não sei.”

Eu não dizia isso porque autores obtêm informações mínimas sobre as vendas de livros até seis meses após a publicação — embora isso seja verdade —, mas porque eu sabia que a medida que eu usaria para avaliar o sucesso deste livro teria pouco a ver com números de vendas ou eventos badalados de lançamento.

Quando comecei a escrever profissionalmente, a mídia impressa — até mesmo a palavra escrita em si — já havia sido declarada morta. A internet havia assumido o controle e o que mais se dizia por aí era: “Por que comprar um livro quando você pode baixar gratuitamente cem artigos sobre qualquer assunto?” Parecia ultrapassado ir até uma livraria para comprar um calhamaço de árvores mortas para carregar quando você já tinha um telefone que poderia lhe fornecer todas as informações necessárias. Obviamente, tinha seus benefícios. A era da internet aumentou o acesso do público a muitos escritores — *queer*, trans, deficientes, mulheres, escritores de cor\* — que sempre estiveram fora da mídia tradicional. Foi nesse espaço literário gratuito (criativa e monetariamente, porque nenhum de nós estava sendo pago), que

eu pude construir minha carreira.

Mas houve uma desvantagem nessa abundância de informações gratuitas. Sendo sincera, havia informações demais. Com inúmeros sites disputando as mesmas frações de centavo a serem ganhos em cada clique, a integridade artística e jornalística frequentemente ficava em segundo plano diante da necessidade de produzir conteúdo que pudesse chamar a atenção do público. O que muitos editores e casas editoriais desesperados procuraram foi indignação, polêmicas, medo e ódio. E embora essas táticas funcionassem, mesmo quando os leitores clicavam nesses links e liam vorazmente, começaram a sentir que estavam sendo ludibriados.

Comecei a escrever por frustração. Frustração por haver tantas palavras usadas para discutir um único tópico sem realmente chegar às suas verdades básicas. Frustração por essas palavras estarem sendo usadas apenas para despertar emoções que acabariam sendo divulgadas em um tuíte ou em um post no Facebook e imediatamente descartadas, substituídas pela próxima indignação. Quase todos os artigos que escrevi nasceram da frustração de ver as pessoas discutindo questões — questões reais que estavam impactando vidas reais — sem dizer nada.

Meus artigos nunca foram “opiniões quentes” ou comentários reativos e provocantes. Eles eram o básico, eram os fundamentos muitas vezes desagradáveis que eu sentia que as pessoas estavam deixando de lado quando discutiam raça, gênero e privilégio em nossa sociedade. Alguns dos meus artigos mais conhecidos nasceram de um pedido de um editor para escrever uma “opinião quente” sobre algum assunto, ao que eu respondia com um e-mail na forma de um minichilique sobre como todos estavam perdendo o foco real e o quão complexa a discussão realmente era. Sou eternamente grata aos editores — como o incomparável Charles Mudede do *Stranger* — que tiveram a perspicácia e a capacidade de responder simplesmente: “Tudo bem, então escreva isso.”

E então me tornei uma escritora cuja fama era escrever comentários sobre questões sociais que poderiam ser “úteis”. Muitos dos comentários e e-mails que recebi dos leitores que leram meu trabalho não foram cheios de emoção, mas traziam comentários como: “Eu não tinha percebido como esse problema se aplicava à minha vida até você escrever sobre ele.” Ou: “Eu não sabia que havia algo que eu poderia fazer a respeito disso até ler seu artigo.” Ou simplesmente: “Obrigado por escrever algo tão útil.”

Fiquei surpresa ao descobrir que, a cada artigo, meus leitores cresciam. Eu não conseguia escrever “opiniões quentes” que causavam indignação instantânea, ou comentários espirituosos que faziam as pessoas rirem, mas ofereci algo que muitos leitores desejavam — honestidade, autenticidade e utilidade.

Dediquei-me a criar trabalhos que fossem “úteis.” Comecei a enxergar isso como uma obrigação moral, em um mundo tão saturado de informações inúteis, usar qualquer espaço que eu tivesse no tempo e na mente das pessoas para ser útil. Ainda acredito que esse é o único caminho para salvar o jornalismo e a escrita em geral do abismo das matérias caça-cliques e do engajamento pela polêmica.

*Então você quer conversar sobre raça* nasceu dessa mesma frustração e desse mesmo objetivo. Depois de assistir a tantas pessoas terem tantas conversas sobre raça que não deram em nada — ou pior, que causaram danos reais —, quis criar algo útil. Algo que daria aos leitores a base para entender como a raça funciona, não apenas da maneira que levariam para suas aulas teóricas na graduação, mas da maneira que levariam para o escritório ou à mesa durante comemorações com a família. Eu queria que as pessoas compreendessem melhor raça e como falar sobre o assunto de forma mais efetiva e com mais gentileza.

Queria que as pessoas tivessem uma ferramenta que pudessem segurar em suas mãos e retornar a ela quando precisassem, à medida que diferentes questões relacionadas à raça surgissem em

suas vidas.

Com esse objetivo em mente, agora posso dizer, enquanto escrevo este Prefácio quase um ano exato da publicação da edição de capa dura deste livro, que *Então você quer conversar sobre raça* foi e continua sendo um sucesso. Ouvi de casais inter-raciais que este livro salvou seu casamento; de trabalhadores de cor que dizem que seu ambiente de trabalho se tornou muito mais seguro e acolhedor desde que a empresa começou a usar o meu livro como guia; de pais brancos de crianças de cor que dizem que este livro os ajudou a entender seus filhos e suas lutas com mais objetividade, de organizações comunitárias que dizem que este livro as ajudou a realizar sua missão de justiça social de maneira mais eficaz e ética. Este é um livro que famílias inteiras estão lendo juntas, que alunos de universidades estão lendo juntos. E está ajudando. Está ajudando as pessoas a ter conversas sobre raça com mais confiança e cuidado, e focadas no progresso e em encontrar soluções reais.

Este foi meu primeiro livro narrativo e estou extremamente orgulhosa disso, mas certamente não diria que ele é perfeito. Gostaria de ter entrado em contato com mais ativistas e estudiosos indígenas, da mesma maneira que fiz com ativistas e estudiosos asiáticos-americanos no meu capítulo sobre o mito da minoria modelo, e gostaria de ter dedicado mais espaço às questões que a população indígena enfrenta. Provavelmente teria me ajudado a usar uma terminologia mais consistente e menos problemática a respeito dos povos e das questões indígenas. Agradeço aos que me procuraram após a publicação para me informar que minha terminologia não era consistente e certamente nem sempre correta, para que pudéssemos corrigi-la em tiragens futuras. Falo com frequência sobre o quão importante é ser aberta a quem é generoso o suficiente para dizer que você errou feio — especialmente em questões de raça. A capacidade de fazer alterações nas primeiras tiragens deste livro para reduzir danos é um exemplo do quão incrivelmente importante e benéfico é poder

apreciar comentários e críticas ao discutir questões sociais críticas.

Além disso, não previ as maneiras sorrateiras pelas quais a Supremacia Branca procuraria se apropriar dos capítulos deste livro. Alguns meses após a publicação, percebi que não tinha dado espaço suficiente à importância de reconhecer que Kimberlé Crenshaw havia cunhado o termo “interseccionalidade” para se referir às maneiras específicas pelas quais as mulheres negras e multirraciais\*\* estavam sendo prejudicadas pelo que agora chamamos de tentativas das “Feministas Brancas” de ajudar mulheres nos espaços sociais, políticos e econômicos. No Capítulo 5, “O que é interseccionalidade e por que preciso dela?”, não enfatizei o suficiente por que, embora ao longo dos anos a interseccionalidade tenha sido corretamente expandida para incluir outras populações marginalizadas, ela nunca deveria ter se separado das questões centrais que precisavam dela, e nunca deveria ser usada contra as mulheres negras e multirraciais para as quais foi criada. Após testemunhar muitas situações em que mulheres negras e multirraciais foram acusadas de falta de interseccionalidade por não priorizarem as necessidades de mulheres brancas em seus esforços feministas e até antirracistas — algumas das quais se tornaram notícia nos Estados Unidos, como as diversas polêmicas envolvendo a liderança da Marcha das Mulheres em 2019 — percebi que talvez eu tivesse sido otimista demais a respeito da capacidade das pessoas de anular os impulsos da Supremacia Branca.

Se eu tivesse que fazer isso de novo, teria acrescentado um capítulo sobre as experiências específicas de pessoas inter-raciais e imigrantes de cor e seus filhos. Sendo uma mulher negra inter-racial e filha de um imigrante nigeriano, essas são as duas experiências que vivi e sinceramente não consigo entender por que não as incluí. Talvez algumas questões estejam tão próximas que, mesmo para quem escreve sobre raça todos os dias, elas acabam sendo facilmente ignoradas. Ou talvez seja porque, sendo vista e tratada como uma mulher negra todos os dias, passo menos



tempo lidando com esse mundo da Supremacia Branca para poder examinar completamente as nuances de minhas experiências como alguém miscigenado, filha de um migrante. Há tanto tempo me dedico à luta das pessoas negras que olhar para esse outro aspecto da minha identidade com um objetivo que não seja admitir o privilégio que vem com ele parece indulgência. Mas ao ouvir pessoas miscigenadas e imigrantes de cor que leram este livro e ainda têm muitas perguntas particulares e necessárias, é algo que eu gostaria de ter abordado mais detalhadamente.

Por fim, gostaria de ter incluído um guia de discussão na primeira edição deste livro (está incluído no final desta edição). Recebi inúmeros pedidos de um guia para conversar não apenas sobre raça, mas sobre este livro e, o mais importante, vi uma expressão de ansiedade no rosto das pessoas de cor quando soube que sua organização ou local de trabalho iriam ler este livro juntos. Eles imediatamente visualizavam o fardo que provavelmente seria colocado sobre eles; pois sabiam que seriam tratados como o Wikipreta ambulante do grupo para explicar todos os termos ou nuances que escapam aos seus colegas brancos, ou como o terapeuta não remunerado para ajudar os colegas brancos a lidar com suas emoções ao perceber que talvez não sejam os heróis antirracistas que pensavam ser, enquanto ignoravam a profunda tensão e trauma que infligiam às poucas pessoas de cor em seu meio. Tenho a sorte de poder incluir um guia de discussão nesta edição e espero que isso torne as conversas sobre este livro mais seguras para pessoas de cor e mais produtivas para todos.

Sinto-me tão abençoada por ter tido a oportunidade de criar algo que fez parte de tantas conversas importantes e espero que faça parte de muitas outras no futuro. Muito obrigada por ler este livro e, mais importante, por dedicar seu tempo, energia e cuidado a conversas reais sobre raça. E, acima de tudo, obrigada por usar essas conversas para motivar e orientar a ação real, ação além da fala, para desconstruir a Supremacia Branca\*\*\* e começar a curar

o grande dano que ela trouxe a todos nós.

---

\* *Writers of color*, no original. O termo *people of color* foi cunhado para se referir à constituição coletiva e racializada de suas identidades por uma geração em luta pelo direito à autodefinição e hoje é usado principalmente nos EUA para descrever qualquer pessoa que não seja considerada branca, enfatizando experiências comuns de racismo. O termo é específico do contexto estadunidense e, por isso, a dificuldade cultural, além da linguística, para traduzi-lo para o português brasileiro (este é um debate em curso dentro do campo da tradução, logo, podemos encontrar termos como “pessoas não brancas”, “pessoas racializadas” e “pessoas de minorias étnicas e raciais”, cabendo ao tradutor uma escolha estética e política). Também é usado para outras categorias coletivas de pessoas, como “comunidades de cor”, “homens de cor” e “mulheres de cor”, bem como pessoas de ascendência africana, caribenha, asiática etc. para designar pessoas de minorias étnico-raciais em um nível político. Segundo Ochy Curyel, foi a partir do conceito de “mulheres de cor” que nasceu o feminismo negro nos EUA no início dos anos 1970. Por estas razões, adotaremos o termo “pessoas de cor” e seus equivalentes. [N. da T.]

\*\* *Brown*, no original. Outro termo de caracterização étnico-racial da língua inglesa que se aplica comumente a pessoas originárias do Oriente Médio, sul da Ásia e norte da África. No contexto estadunidense, o termo é utilizado também para designar pessoas latino-americanas, além de ser utilizado como ferramenta para autoidentificação política. Para esta obra, foi escolhido o termo “multirracial”, na tentativa de abarcar todas estas possibilidades étnicas, sem perder de vista as consequências de um longo processo histórico (e violento) de miscigenação. [N. da E.]

\*\*\* O termo “Supremacia Branca” e seus equivalentes nesta obra não se referem a ideologias de pureza racial, mas a circunstâncias relacionadas ao racismo e colonialismo, no sentido de as narrativas partirem do ponto de vista de pessoas brancas, anulando outras perspectivas e definindo-as como menores ou inferiores. [N. da T.]

## | introdução |

### Então você quer conversar sobre raça

Como uma mulher negra, a raça sempre foi parte essencial da minha vida. Nunca consegui ignorar o fato de que era uma mulher negra em um país supremacista branco. Minha negritude está entrelaçada à maneira como me visto todas as manhãs, em quais bares me sinto confortável, às músicas que gosto, aos bairros que frequento. As realidades da raça nem sempre foram bem-vindas na minha vida, mas sempre estiveram lá. Quando eu era criança, eram constantes as perguntas de por que eu era tão escura se minha mãe era tão branca — eu era adotada? De onde eu vim? Quando fiquei mais velha, eram as roupas que não tinham sido feitas para o meu corpo e os comentários maldosos sobre meu cabelo e lábios, e os ídolos adolescentes que nunca achariam bonita uma garota como eu. Depois, foram os funcionários me seguindo em lojas, e os empregos que eram anunciados até o momento em que eu aparecia, aí a vaga não existia mais. E tinham os chefes que me diziam que eu era muito “escandalosa”, as queixas de que meu cabelo era muito “étnico” para o escritório e porque, mesmo sendo uma funcionária competente, eu estava ganhando muito menos do que outros funcionários brancos que faziam o mesmo trabalho. São os policiais com os quais não consigo fazer contato visual, os motoristas de Uber que desistem

da minha corrida, passando direto em vez de parar quando me veem. Quando tive meus filhos, foram as suposições de que eles eram mais velhos do que realmente eram e que a brincadeira deles era violenta demais. Foram as lágrimas nos olhos deles ao chegarem em casa após ouvir um colega de classe reproduzir um comentário ignorante que ouviu dos pais.

Mas raça também tem sido passar inúmeras horas me sentindo maravilhada com a nossa história. As noites dançando e aplaudindo jazz, rap e R&B. Churrascos com costelas, salada de batata e torta de batata doce. Tem sido mãos de mulheres trançando meu cabelo. Tem sido a leitura mágica das palavras de Toni Morrison, Maya Angelou e Alice Walker sabendo que elas foram escritas para você. Festas cheias de arroz *jollof* e *fufu*, e mulheres nigerianas usando vestidos cobertos de lantejoulas e *geles* [turbantes] gigantes na cabeça. O aceno para o negro desconhecido que passa e diz: “Eu vejo você, irmã.” Ter orgulho de Malcolm, Martin, Rosa e Angela. Uma sala cheia das risadas mais desinibidas que você já ouviu. O toque do meu filho quando colocou a mão sobre a minha e disse: “Somos da mesma cor.”

A raça, a minha raça, tem sido uma das forças mais marcantes da minha vida. Mas não é algo sobre o qual sempre falei, certamente não da maneira que faço agora.

Como muitas pessoas, passei a maior parte dos meus dias tentando sobreviver. A vida é intensa e difícil. Há trabalho, filhos, tarefas e amigos. Passamos muito tempo saltando de uma minicrise para a outra. Sim, no passado meus dias eram tão cheios de microagressões, da dor e opressão do racismo quanto são agora — mas eu só tinha que seguir a vida normalmente. É muito difícil sobreviver como uma mulher de cor neste mundo, e me lembro de uma vez dizer que se parasse de sentir, realmente sentir, a dor do racismo pelo qual eu passava, começaria a gritar e nunca mais pararia.

Então eu fiz o que a maioria de nós faz: tentei tirar o melhor daquela situação. Trabalhei 50% mais do que meus colegas de

trabalho brancos; ficava até tarde todos os dias. Vestia-me como se todo dia fosse uma entrevista de emprego. Era muito educada com as pessoas brancas que encontrava em público. Desdobrava-me para provar que não estava com raiva, que não era uma ameaça. Ria de piadas racistas como se não sentisse um incômodo. Disse a mim mesma que tudo valeria a pena um dia, que ser uma mulher negra de sucesso já era revolução o suficiente.

Mas, à medida que envelheci, à medida que os sucessos que alcancei aos poucos se tornaram realidade, algo dentro de mim começou a mudar. Tentava me calar nas reuniões e não conseguia. Tentava rir das piadas racistas e não conseguia. Tentava aceitar os motivos que meu chefe dava para me oferecer uma promoção, mas não meu aumento, e não conseguia. Então, comecei a falar.

Comecei a questionar, comecei a resistir, comecei a exigir. Queria saber por que era considerado ruim ser “dogmática”, queria saber o que exatamente sobre meu cabelo não era “profissional”. Queria saber exatamente o que tinha nessa piada que as pessoas achavam “engraçado”. E, uma vez que comecei a falar, não consegui mais parar.

E também comecei a escrever. Mudei meu blog de culinária para um blog pessoal e comecei a dizer todas as coisas que as pessoas ao meu redor sempre diziam que eram “muito negativas”, “muito mordazes” e “agressivas”. Comecei a escrever sobre minhas frustrações e decepções. Comecei a escrever sobre meus medos para minha comunidade e minha família. Comecei a me ver e, quando você começa a se ver, não pode mais fingir.

Isso não foi bem aceito. Meus amigos brancos (tendo crescido em Seattle, a maioria dos meus amigos eram brancos), alguns dos quais eu conhecia desde o ensino médio, não ficaram felizes com o meu verdadeiro eu. Não era esse o combinado. Sim, eles iriam se enfurecer com o aquecimento global e gritariam sobre idiotices republicanas, mas não diriam uma palavra sobre a opressão e violência racial que as pessoas de cor enfrentam nos Estados Unidos. “Não é da minha conta”, explicavam quando, frustrada,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.